

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (41)

### DOIS ARREBATAMENTOS

Meu relacionamento com o Centro (de Ciências, letras e Artes) começou na mesma data em que conheci Campinas. Foram dois arrebatamentos ao mesmo dia. O primeiro, a cidade. Vista do trem que me trazia era como uma ilha. O casario branqueava a paisagem, envolvido pelo mar ondulante dos cafezais, que, alastrando por colinas e colinas, lhe chegavam como onda mansa a beijar as pontas das ruas.

Era manhã. Sob um céu escampo de puro azul porcelana, crescia ela para o meu encantamento. Opulenta vegetação, encopando os pomares das casas, desde as ruas mais centrais, e espaçando a policromia dos jardins, salientava a condição de cidade-paisagem, que, ao nome tirado do altar, São Carlos, preferiu ser Campinas, numa evocação perene à sua própria pa-norâmica.

Uma de suas praças... que emoção me causou! Vinte palmeiras, vinte árvores litúrgicas, tesas como círios, bruxoleando no alto a chama verde das palmas. E, na hora augural, as aves totêmicas, em rito órfico, recruzavam no ar cem mil asas, solenizando o crepúsculo glorioso.

Outro arrebatamento, o Centro de Ciências, Letras e Artes. O que a paisagem não me deixou ver, vim a conhecer aqui, o outro lado da cidade, sua alta vocação pelos estudos, seu carinho pelas artes, seu zelo pelas letras.

Aqui encontrei, nas primeiras horas, acolhedores e didadas, homens representativos da cultura campineira: José de Campos Novais, Rafael Duarte, Otoniel Mota, Carlos de Paula, Celso Rezende, Amilar Alves, Hilário Magro, Jorge Nogueira, Anibal de Freiras, Lino Leme, Félix da Cunha, Mário Natividade, Camilo Vanzolini, Celso Ferraz Camargo, Antônio Lobo, Geraldo Alves Correia, Omar Simões Magro, Mascarenhas Araújo, Tácito Car-

valho e Silva, Rui Martins Ferreira, Marcelino Velez... a alguns mais dos muitos assíduos expoentes do saber, da arte e da mais viva simpatia pelos moços.

Vejam a que excelente mercado de valores veio dar o visitante, ansioso por perfeito investimento dos tesouros que portava: o dos seus sonhos, da sua mocidade e da sua pobreza.

Porque descobertas no mesmo dia, a cidade e esta casa, se fundiram elas, em meu espírito, por laço indissolúvel. O Centro é criatura da alma campineira e espelho da sensibilidade e inteligência deste povo.

(De um discurso de Nelson Omegna alusivo  
ao 75º aniversário do Centro de Ciências,  
Letras e Artes)